RESILIÊNCIA DA ATIVIDADE ECONÔMICA

ROGÉRIO MORI
Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EESP)

UMA MARCA deixada pela pandemia em 2020 foi o seu impacto sobre as economias global e brasileira. A retração na atividade econômica e o aumento do desemprego verificaram-se em todas economias, ainda que em momentos distintos, à medida que a doença se alastrava pelos diferentes países.

Ainda que, no início de 2020, se desconhecesse a plenitude dos impactos da doença sobre a população e o sistema de saúde de cada país, os fatos tornaram, à medida que o tempo passou, cada vez mais evidente a dimensão do problema. Embora o início da então epidemia tenha se dado na China, o mundo só tomou conhecimento, de fato, da extensão e da gravidade do problema quando os países europeus foram atingidos. O colapso do sistema de saúde de vários países e as medidas de isolamento social adotadas por vários países europeus serviram de alerta para o resto do mundo do que estava por vir.

O primeiro caso no Brasil foi registrado em fins de fevereiro do ano passado. Em março, foram adotadas medidas de isolamento social. Os impactos sobre a economia decorrentes dessas medidas foram duros, com uma forte retração do Produto Interno Bruno (PIB) no segundo trimestre do ano. A economia começou a se recuperar no terceiro trimestre de 2020, conforme as medidas de isolamento social foram sendo afrouxadas, em um contexto de alívio do quadro da pandemia.

Sob essa perspectiva, é importante ressaltar que as ações de política econômica se mostraram importantes para evitar um aprofundamento da recessão no ano passado. A política monetária seguiu expansionista, com o Banco Central do Brasil (BCB) reduzindo a taxa Selic até o patamar de 2,0% a.a. Ao mesmo tempo, o Governo atuou corretamente no sentido de lidar com a crise, criando um auxílio emergencial e alocando recursos para lidar diretamente com os efeitos da pandemia.

A economia brasileira seguiu recuperando-se no quarto trimestre do ano passado, com o PIB crescendo 3,2% em relação ao trimestre anterior. Isso não impediu, no entanto, que o resultado do ano registrasse uma queda de 4,1% em relação ao de 2019.

As perspectivas iniciais para este ano eram relativamente favoráveis, uma vez que tudo indicava que o pior da pandemia havia ficado para trás e que havia a possibilidade de uma relativa volta à normalidade. No entanto, o quadro voltou a se agravar em fevereiro último, o que levou a novas medidas de isolamento social. O temor de uma nova (e forte) retração na atividade econômica voltou a assombrar. Por sua vez, o auxílio emergencial, que proporcionou um alento em 2020, foi renovado em março, com valores menos expressivos.

Ao mesmo tempo, a inflação, por conta do efeito da depreciação do real frente ao dólar e da alta dos preços internacionais das *commodities*, subiu consideravelmente desde o segundo semestre de 2020. Isso levou o BCB a inverter o sentido da sua política monetária, com o início de um ciclo de elevação da taxa Selic. Ao que tudo indica, a Selic deverá fechar o ano em 5,5% a.a.

O conjunto de eventos do começo do ano poderia sugerir uma abrupta retração da atividade econômica. No entanto, os indicadores da atividade econômica brasileira sinalizam para alguma resiliência da atividade nesse período. A produção industrial brasileira, por exemplo, acumulou um crescimento de 4,4% no primeiro trimestre em relação ao mesmo período de 2020. Os indicadores de confiança, após registrarem queda, deram sinais de recuperação em abril último. Merece destaque, também, o bom desempenho da agropecuária no período, tanto em função da taxa de câmbio, quanto por conta da alta cotação dos preços internacionais dos produtos. Com isso, o setor tem contribuído para a recuperação da atividade econômica brasileira.

De qualquer forma, as perspectivas para os próximos meses são melhores. Ao que tudo indica, os números relativos à segunda onda de contágio parecem estar diminuindo, o que sugere que as medidas de isolamento tendem a afrouxar daqui para frente. Ao mesmo tempo, a vacinação tende a avançar cada vez mais, diminuindo, assim, as chances de uma terceira onda.

Isso coloca um viés de alta para o crescimento econômico deste ano, previsto para 3,5% inicialmente. Caso os indicadores positivos se confirmem, essa projeção, certamente, será revista para cima. ■